

SILVA, Armando Malheiro da. *A informação: da compreensão do fenômeno e construção do objecto científico*. Porto: Afrontamento, 2006. 176p.

A INFORMAÇÃO VEM DE LONGE E VAI PARA MAIS LONGE

Armando Malheiro da Silva é filósofo, bibliotecário-arquivista e historiador, com doutorado em História Contemporânea. Professor de Ciência da Informação na Universidade do Porto tem várias publicações, dentre livros e artigos de periódicos, em que estuda o fenômeno da informação. Em **A INFORMAÇÃO: DA COMPREENSÃO DO FENÔMENO E CONSTRUÇÃO DO OBJECTO CIENTÍFICO**, dedica-se a entender e explicar tal fenômeno e ao objeto da área em que atua, a partir de quatro relações: informação e cultura; informação e documento; informação e conhecimento; informação e comunicação.

A sugestiva frase usada pelo Professor Fernando Ilharco no prefácio, e adotada como título da reflexão sobre os capítulos do livro de Malheiro, coincide com a justificativa utilizada por ele, de como a obra se originou. Localiza-se, de imediato, uma aproximação com o fenômeno tratado e, com a explicitação de sua origem, quais motivações são responsáveis pela transposição da intenção para a concretização da ação, motivando as próximas descobertas. Nela reúne três ensaios e um artigo que, embora densos de reflexões, o autor qualifica de exploratórios, porquanto, admite, não esgotam a temática sobre o fenômeno estudado.

Inicia o Capítulo 1, dedicado a **Informação e Cultura**, com a afirmativa de que “o campo das Ciências Documentais [...] está associado a uma tradição de estudo e de valorização de objetos portadores de potencial intelectual e artístico da humanidade”. Coloca, por assim dizer, que **a informação vem de muito longe**, pois os objetos traduzem a cultura do homem e são, por sua vez, frutos de conhecimento, impregnados de informação, reveladores da existência do homem sobre a terra, patrimônio normalmente gerido por bibliotecários, arquivistas e museólogos, à primeira vista os potenciais leitores do livro. Entretanto,

identificam-se na obra aspectos temáticos interessantes para historiadores, lingüistas, filósofos, comunicadores, gestores e administradores, e por que não, entre todos os públicos que manifestam quaisquer relações de intenção ou de ação com a informação.

Utiliza o que chama de “fórmula de Edgar Morin”, explicativa de que a cultura concentra duplo capital: um capital cognitivo e técnico, constituído de práticas, saberes, regras; e o capital mitológico e ritual, formado pelas crenças, normas, proibições. As questões técnicas e sua relação com o homem são retomadas na associação com a reflexão visionária de Paul Otlet de usar documento com o sentido de suporte da informação, portador de memória, destacando a reflexão “aperfeiçoar o livro é aperfeiçoar a humanidade”. Em seguida, posiciona-se com relação à definição de informação, necessária para o debate com a cultura e o patrimônio, alertando que a informação, para se constituir em objeto da Ciência da Informação, necessita não apenas de conceituação, mas dos complementos indicativos de suas propriedades.

Chega-se ao momento da síntese, em que ele primeiramente opera uma adaptação na “fórmula de Morin” considerando isoladamente o capital técnico, entendendo que as materializações culturais decorrem da técnica, enquanto ao capital mitológico e ritual é agregado o cognitivo, absorvendo o conceito de cultura e também o de informação por similitude semântica. Esta idéia é seguida de desafiadores comentários do autor, quais sejam: a) adequação dos objetos naturais e culturais; b) contribuição da Ciência da Informação com a finalidade de enriquecer o conceito de cultura a partir do estudo da informação; c) obtenção de resultados da Ciência da Informação, originados em um quadro de cientificidade ajustado aos problemas epistêmicos das Ciências Sociais e Humanas.

Armando Malheiro repete o formato no Capítulo 2, intitulado **Informação e Documento**, isto é, retoma pontos de partida, localizados desta feita no livro de Blanca Rodriguez Bravo, em que ela cita a dicotomia entre documento e informação e a respectiva relação direta com arquivos e bibliotecas. Resume-o, capítulo por capítulo, e conclui que a autora fez um grande esforço para abandonar a tradição em favor da renovação, mas foi traída ao preferir a prática profissional, existente e resistente há pelo menos dois séculos. Elabora, então, uma primorosa discussão entre os dois conceitos, para demonstrar o que considera a relação entre documento e informação, ou seja, busca as raízes dos conceitos, apoiando-se em autores da Nova História, que provocaram a ampliação da noção de documento para o binômio documento / monumento, sintetizado por Le Goff. Tal qual fez no capítulo anterior, **vem de longe e vai para mais longe**, embora afirme, categoricamente, que seria pretensão apresentar uma conclusão para essa temática, coisa que não o faz, mas prepara o leitor para o que virá.

Ainda no capítulo relativo à **Informação e Documento**, revisa autores da Ciência da Informação e o foco de seus trabalhos, destacando problemas fundamentais do fenômeno, ontológicos e epistemológicos, recenseados por Fernando Ilharco que, ao enumerá-los, suscita do autor do livro em resenha, a elaboração, também, de um elenco alternativo de problemas (políticos e tecnológicos). Na totalidade da obra, Malheiro, ao se ancorar em outros autores, o faz apresentando acréscimos, significativos de sua capacidade crítica e da possuidora competência para fazê-lo.

No penúltimo item do Capítulo 2, retoma a definição de informação, elaborada em conjunto com Fernanda Ribeiro e apresentada em livro anterior, postulando a informação como fenômeno e como processo. Admite o processo como a passagem da produção informacional para a consumação comunicacional, preparando, estimulando e incitando os leitores para a leitura do Capítulo 4, **Informação e Comunicação**. Quanto ao fenômeno da informação, entende-o estudado por uma multiplicidade de ciências, para além dos problemas ontológicos e epistemológicos, competindo à Ciência da Informação desenvolver um extenso programa de pesquisa que focalize “problemas da inteligência artificial, da utilidade, da mudança da tecnologia em geral e da TIC em particular, da informação tecnológica como contexto

e ainda o problema ético.” Nesse sentido, oferece por meio dessa listagem de assuntos que devem se transformar em objetos de pesquisa e de prática interdisciplinar, outra contribuição à Ciência da Informação.

Informação e Conhecimento, título do Capítulo 3, tem sua gênese na fórmula de Bertram C. Brookes que, desde 1980, exprime a passagem de um estado de conhecimento para novo estado de conhecimento, pela utilização da informação; e na definição de Yves François Le Coadic, sobre informação e conhecimento. Critica as relações e problemáticas que os dois autores citados laboram acerca de conhecer e informar por se basear no uso de conceitos constantes em obras de referência, em verbetes não assinados e pelo entrelaçamento generalizado do senso comum, sendo essa a forma assimilada e usada pela quase totalidade das pessoas.

O autor de **A INFORMAÇÃO: DA COMPREENSÃO DO FENÔMENO E CONSTRUÇÃO DO OBJECTO CIENTÍFICO** propõe dar continuidade ao capítulo **pelo caminho da indagação crítica**, e passar do cotidiano existencial para a produção intelectualizada. Utiliza o conceito de conhecimento de Fernando Gil e os conceitos de cognição para sublinhar que não é “possível separar a acção de conhecer das práticas racionalizadas de estudar, de aprender, de criar / reproduzir ciência, de governar, de permutar e rentabilizar bens materiais e até de encarar o divino”. Atinge o ponto crucial da reflexão, indagando-se onde validar a fórmula de Brookes e onde desconfiar dela pela circularidade existente entre informação e conhecimento.

A validação vem pela afirmação de que o conhecimento se desenvolve a partir da inevitável informação, encerrando a essência da Modernidade como a caracterizamos e pensamos hoje. E a desconfiança, da possibilidade da fórmula de Brookes possuir tudo de necessário e instrumental. Além de que seus argumentos reforçam a herança de Paul Otlet, pai da Bibliografia e da Documentação, e transpõem o desafio da Revolução Informacional hoje convertida em Sociedade do Conhecimento. Esses destaques suscitam uma série de questionamentos que Malheiro, possuidor de vasta experiência, apresenta exemplificados e discutidos adequadamente. Ao final do capítulo, analisa a cognição e os processos cognitivos, articulando-os com a informação.

O autor declara que a entrevista, que se segue ao Capítulo 4, pode servir como introdução ao livro.

Ou seja, o livro tanto pode iniciar pelo começo, como pelo final. Na verdade, a última parte do livro é um glossário dos termos utilizados, podendo-se destacar o de **Ciência da Informação** em que busca as raízes nas Conferências do Geórgia Tech e na ampliação de Borko, segundo Malheiro da Silva, uma condizente atualidade, devendo ser melhorada nos aspectos referentes à interdisciplinaridade. Encarrega-se, ele mesmo de apresentá-los, antecipando o que virá em seu próximo trabalho.

Desfaz, ainda no capítulo terminológico, uma questiúncula existente entre administradores e cientistas da informação quanto ao uso de **gestão do conhecimento** e **gestão da informação**, respectivamente. Admite que o conceito de gestão do conhecimento provenha das Ciências e Técnicas de Gestão, em que não faltam nuances apelativas, sem aprofundamento, tal qual constroem artificialmente os conceitos de informação e conhecimento. Enquanto à Ciência da Informação interessam as práticas e técnicas desenvolvidas como sendo de organização do conhecimento, que são técnicas de gestão, de organização e de uso da informação nas organizações.

Armando Malheiro da Silva, ao nos remeter à definição de informação, alerta que esta é apenas uma resposta possível ao problema ontológico identificado por Ilharco e que as propriedades gerais

ou universais sugeridas por Borko “só podem ser confirmadas, alteradas ou negadas por meio do normal e prolongado processo de investigação da Ciência da Informação e de importantes momentos de síntese, associados ou não a crises / alterações paradigmáticas”.

Entenda-se, com isso, “cheiro de livro novo”, promessa algumas vezes esboçada, em outras, explicitada *ipsis litteris*, pois, no seu próprio dizer “urge prosseguir com um estudo de fôlego [...] a ‘empresa’ epistemológica da Ciência da Informação”. Aliás, não se furta a definir o **método quadripolar** de Paul de Bruyne e outros autores, no item da **Terminologia Essencial** e, pela recorrência que faz em toda a obra, com certeza o utilizará para estudar o pólo epistemológico da Ciência da Informação. Cabe, portanto, a nós, seus leitores aguardar com ansiedade que a empreitada sobre a informação **vá para muito mais longe**, e se realize brevemente, para desfrutarmos novo prazer.

Joana Coeli Ribeiro Garcia
Doutora em Ciência da Informação, Universidade Federal do Rio de Janeiro / Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia. Professora da Universidade Federal da Paraíba.
joanacoeli@uol.com.br